

Uma Ideia de Universidade para a UNICAP¹

† Prof. Dr. Pe. Paulo Gaspar de Meneses, SJ²

A Universidade Católica de Pernambuco tem, no seu próprio título, a definição de seus objetivos, que são a razão de ser de sua existência. Entender ser uma *Universidade* verdadeira; onde a inspiração *Cristã* esteja presente como sua alma; e pretender realizar os valores de cultura universal através da inserção e vivência na realidade *regional nordestina*.

Dessa forma, a qualificação Católica, que nossa universidade ostenta bem no centro de sua apelação, é significativa: não alude apenas a um laço institucional ou histórico, mas atesta a inspiração que orienta sua própria concepção de Universidade enquanto Universidade, e que a impele, por uma motivação específica, à encarnação ou *enculturação* no contexto social do Nordeste.

Há, de fato, muitas concepções de Universidade, que embora não sejam sempre contraditórias, apontam no entanto, alternativas concretas de realização, podendo levar a divergências apreciáveis na prática cultural. A concepção católica é uma opção, definida por certas características que passamos a expor. Sem desconhecer sua função sistêmica, nossa breve exposição vai acentuar,

¹ O presente texto foi publicado no Cadernos Unicap – Série CTC – 4 Caderno – Qualidade de ensino, Recife, maio de 1979, p. 29-36, enquanto o autor era Decano do CTCH. Transcrição do Prof. Danilo Vaz-Curado R. M. Costa, professor da Escola de Educação e Humanidades da UNICAP, e-mail: danilo.costa@unicap.br.

² Professor Doutor em Filosofia e em Ciências Políticas.

com certa ênfase, a função crítica de Universidade.

Síntese do saber social

Toda sociedade conhecida pela história e pela antropologia teve sempre de encontrar solução para um problema básico: como transmitir sua cultura, como formar as novas gerações, *endoculturar* seus jovens membros, para reproduzir os padrões societários; vale dizer, para reproduzir a si mesma como cultura humana. Nas grandes civilizações, esta tarefa de rememoração do acervo tornou-se consciente de si mesma e altamente institucionalizada. Em nossos dias, sua forma mais conspícua encontra-se nas Universidades. Com efeito, o saber, que em sociedades primitivas era unificado numa só cosmovisão, ao mesmo tempo técnica, ideológica e religiosa, tornou-se amplamente diversificada com o progresso e a complexidade das civilizações: e as Universidades atenderam à necessidade surgida de englobar em toda a sua diversidade numa certa unidade; numa Instituição, o que o progresso tinha especializado, diversificado e oposto.

Porém, só a unidade geográfica e administrativa não esgota, numa concepção cristã, o anseio de unificação que levou a reunir a diversidade do saber na comunhão de uma só Universidade. Um hipermercado visa e realiza a unificação, num só estabelecimento, da totalidade, da oferta de produtos, para satisfazer a totalidade da demanda. Uma concepção pragmática e sistêmica da Universidade, pensa no fundo a Universidade como Hipermercado do saber: sua razão de ser seria oferecer todo o tipo de treinamento e capacitação profissional, todo *know how* que possa interessar as nossas sociedades

em incessante progresso tecnológico. Ora, uma Universidade Católica permanece fiel à motivação que levou a Igreja a inventar na Idade Média, essa Instituição que veio a tornar-se a Universidade Ocidental: procurar a *síntese* do saber existente, através do ensino e do diálogo interdisciplinar. O ideal do Saber unificado, ou da unidade última do saber, reunia professores e alunos numa só corporação, onde a unidade diversificada dos que buscavam a Verdade simbolizava e produzia a unidade do Saber que se almejava. Embora o contexto sociocultural tenha profundamente mudado, esse ideal não parece superado, e si mais imperioso que nunca, numa visão cristã de Universidade, como adiante veremos.

Crítica

Felizmente, a força das coisas pode muito, e realiza o que os projetos humanos não suspeitavam. Uma Instituição como a Universidade tem a sua dinâmica própria, que muitas vezes contraria a intenção de seus protetores. Como certas espécies que não se reproduzem no cativeiro, o Saber posto a serviço de poderes que o organizam e o financiam, ou passa a minguar sempre sua produção de conhecimentos, ou tende a rebelar-se contra o cativeiro, buscando para reproduzir-se a liberdade que é seu habitat e seu clima. Porque, recorrendo a outra metáfora, reunir certa massa crítica de cérebros dá lugar a uma reação em cadeia, e dispara um processo não controlável pelo experimentador. Assim, é vão que se busque limitar a Universidade a uma função sistêmica: se tal mutilação não a afeta vitalmente enquanto Universidade, sua reação natural será responder produzindo e criando cultura, e tornando-se pioneira da

crítica em sua própria sociedade. Dessa forma, a vida supera o dilema da *Universidade crítica versus a Universidade sistêmica*, ou melhor, a *Suprassumme*, num plano mais alto a que se eleva a própria tensão dialética entre os polos, as duas posições. No caso de se realizarem isoladamente, fariam da Universidade, seja a “gorda Vaca Sagrada do Ocidente” segundo Ivan Illich; seja o “Matadouro das Vaca Sagradas” na expressão de Badcock (enquanto “desmascaradoras de mistificação e destruidora de mitos”) (C.R. Badcock, *Lévis Strauss e a Teoria Sociológica*, Zahar, 1976, p. 12).

Dialogal

Há também outro fator que impede o embotamento do sentido crítico, e perturba o sonho (ou o pesadelo) de Langoni, de uma Universidade toda voltada as tarefas de fornecer mão-de-obra altamente qualificada para a demanda do sistema: é o diálogo das gerações, que a Universidade, como instituição de ensino, tem de englobar, necessariamente. Diz Fiori, inspirando-se em Ortega y Gasset: “No processo cultural de que a Universidade é a forma suprema de consciencialização, há três hoje: o da geração dos anos 20, o da geração dos anos 40, e o da geração dos anos 60. Somos contemporâneos, mas não somos coetâneos; e a defasagem de gerações produz uma dialética que revitaliza a cultura. Se houvesse apenas as velhas gerações, prevaleceria o já feito, o adquirido para sempre; se houvesse só as gerações jovens, tudo teria de começar de novo, e não haveria processo acumulativo, nem a memória que distingue a civilização, e mesmo a cultura humana. Assim, a partir da tradição viva, a renovação da

cultura, criação de novas formas de vida social. A Universidade é convívio; não só encontro casual dos que ensinam e aprendem, mas comunhão, que é exigência essencial do próprio processo cultural” (Ver Fiori, Conf. Sobre Reforma Universitária, 1962).

O documento de BUGA insiste que, “sendo a cultura, essencialmente comunitária, como intersubjetividade e comunicação de consciências, a Universidade há de ser diálogo institucionalizado, ou encarnado nas suas estruturas concretas. Trata-se de um diálogo polifônico, pois Buga prossegue: “O diálogo entre as disciplinas, entre os Institutos, entre pesquisadores, professores, alunos de todos os organismos. É importante o diálogo vertical, porquanto a dupla “professor/aluno” constitui a célula viva da Universidade, que deve estar representada em todos os níveis de decisão da vida universitária. Este diálogo interno deve prolongar-se no diálogo vivo entre a Universidade e a Sociedade a que pertence, em comunhão com as circunstâncias concretas dos problemas humanos e sociais do meio onde vive.

Encarnada no Meio

De fato, hoje se reconhece a necessidade da enculturação, que significa a inserção numa cultura determinada. Nossa Universidade deve ser cada vez mais, uma Universidade situada, fortemente marca por seu caráter regional, por sua orientação para a problemática do grande Recife, de Pernambuco, do Nordeste; sem esquecer suas referências brasileiras e sul-americanas. Não existe incompatibilidade entre o caráter universalista de toda a Universidade que se preza, e a sua dimensão e ênfase regional. Porque é através do singular, do concreto,

que se realiza a verdadeira universalidade da cultura: um universal sem vinculação à realidade circundante, seria pura abstração: alienação expressa em formas vazias e mimetismos eruditos, mas nunca produção de cultura autêntica. O homem universal não se realiza senão pela exaustão de suas possibilidades de determinação efetiva; e só depois de ter aberto amplamente o leque de suas insuspeitadas diversidades é que seu conceito adquire sua plena riqueza.

Faltarão à cultura humana e à civilização algumas de suas articulações e conjugações insubstituíveis se nos omitirmos de pronunciar a palavra de nossa singularidade regional. Outras pessoas poderão fazer cultura trobriandesa ou tirolesa melhor que nós; mas ninguém é tão indicado para recolher os tesouros culturais do Nordeste, e criar cultura nordestina, como nós, que somos partes da biosfera do Nordeste, e sua noosfera.

Porém este compromisso com a realidade regional, não tem simples alcance cultural, senão que representa também uma imersão nas profundezas da vida societária. De fato, voltando-se para o regional, a Universidade vai inevitavelmente procurar as causas, as estruturas dos problemas da Região. E quando se trata de uma região-problema como o Nordeste, não é de admirar que a Universidade tome uma posição crítica, onde até organismos oficiais têm feito denúncias veementes, que nem mesmo a linguagem cinza dos relatórios consegue disfarçar.

A função crítica é ainda mais inevitável numa Universidade; não só porque se encontra frente à situação crítica do Nordeste, mas a função da Universidade é pensar. Mesmo que a destinassem só à transmissão de conhecimentos, para cumpri-la tinha de pensar; e quando

se começa a pensar não há limites: o pensamento indaga sobre o próprio pensamento, quer saber como se produzem conhecimentos, e quem os produz e para que: as verdades oficiais, para ele não passam de enunciados como os outros, e também falseáveis, - portanto submetidos à contestação - antes de serem admitidos como válidos.

Consciente de sua dimensão política

Inevitavelmente, esta função crítica alcança níveis políticos uma vez que em nossas sociedades o Estado não se contenta com o monopólio da coerção legítima, como Weber o definira, mas evoca a si a última palavra, e por vezes a primeira também, em todos os problemas importantes da vida societária. Sua interferência no social e econômico é avassaladora, e se prolonga, hoje, numa crescente tutela sobre o mundo da cultura. Assim sendo, propor soluções será quase sempre indicar políticas alternativas; mas até descobrir problemas vai significar uma denúncia a má alocação de recursos à escala distorcida de prioridades. De fato, a natureza dificilmente ser a culpada pelo atraso de uma região que foi, em tempos, a de maior renda per capita mundial, por força de sua agricultura; e onde chove muito mais que no próspero estado de Israel. Eis um tipo de crítica que brota do próprio exercício independente de ciência. Se repercute no meio social como fato político, não é por escapar à mais pura objetividade científica e técnica; mas justamente por isso: a liberdade e a autonomia da pesquisa científica podem mostrar n'alguns casos a falsidade das "verdades oficiais", quando não passam de racionalização de tecnocratas a serviço dos poderes.

Ora se até organismos sérios e oficiosos como IBGE, FGV, IPEA, enfrentaram problemas quando seus dados e análises discordaram de certo triunfalismo em moda, uma Universidade digna desse nome não pode ser timorata a ponto de abafar estudos que pudessem desagradar aos governantes. Se a autocensura chegasse a tanto, estaria prejudicando a seus próprios senhores que porfiava por servir; porque os governantes necessitam de informações para decidir, e do apoio de autoridades técnicas para tomar medidas em favor do povo, contra o interesse do poder econômico que os pressiona, de dentro e de fora, e usa como porta-vozes tecnocratas oficiais. Foram as conclusões da ciência independente, atingindo a opinião pública, que despertaram os governos para a defesa do consumidor ou a preservação do meio-ambiente, que pareciam até netão entregues à mercê dos interesses todo-poderosos das grandes empresas. Uma Universidade inserida em pleno Nordeste tem, de certa forma, uma dívida de sangue para com a tragédia da população circundante: pois, não pode ser um oásis de privilégios que a grande massa da população não consegue alcançar.

A dimensão política de uma Universidade não é questão de escolha: a opção está apenas quanto a direção em que vai pender seu peso político, o qual é tão inseparável de seu volume social, como na física toda substância é dotada de peso específico. O peso específico político de uma Universidade é grande, pois é uma instituição social de grande porte, apresentando elevada concentração de cérebros e recursos humanos.

Podia alguém achar que em tudo o que foi dito acima não há nada que caracterize uma Universidade como católica. Que há de especificamente cristão ou católico em promover uma visão sintética da cultura e que

seja encarnada em seu meio; crítica, dialogal, atenta à sua dimensão política e à causa do homem nordestino?

Realmente, nada disso é especificamente cristão, nem a Igreja pretende monopólio do saber, da Justiça, ou do humanismo. Porém, sem pretender que só suas Universidades sejam autênticas, a Igreja deseja que as Universidades, que ela promove, sejam verdadeiras Universidades. Neste ponto, pode apresentar excelente currículo, pois não só 'inventou' a Universidade, mas ainda hoje, conta Universidades Católicas entre as melhores universidades, nos quatro continentes. A Igreja prejudicaria sensivelmente sua presença no meio intelectual se suas Universidades fossem Instituições sem idoneidade. Porém, não é qualquer tipo de Universidade compatível com a visão cristã, e há certas condições necessárias, embora não suficientes, para uma Universidade ser católica.

Teologia

De fato, as Universidades católicas têm algo de específico, que é a Teologia. Toda síntese supõe um princípio unificador, já que a multiplicidade enquanto tal não pode ser subsumida sob a unidade sem a mediação de uma 'forma', ou catalizador, que a reúna. Nas primeiras Universidade, a Teologia era a Rainha das ciências, porquanto as questões decisivas sobre o 'fundamento' e o sentido do universo e da Existência era ela que as respondia: ora, a 'episteme' de então se interessava muito mais por esta problemática do que pelas leis que regessem o funcionamento das coisas.

Mas depois veio Galileu, e as ciências se diversificaram e refinaram. Reivindicaram uma autonomia

que foi preciso esperar o último Concílio para ser reconhecida de pleno direito. Entretanto, os mal-entendidos se tinham acumulado a Igreja ia do anátema ao concordismo, e só muito timidamente ao diálogo. As ciências procuravam sínteses espúrias, no cientismo, positivismo, materialismo dialético, ou então, extrapolavam seus pressupostos epistemológicos e metodológicos à toda forma possível de conhecimento (Ver. Monod e sua ética, no “Acaso e Necessidade”).

Felizmente, em nossos dias, Teilhard de Chardin de um lado, e o Concílio do outro, criaram condições para mudanças de atitude, de parte a parte. Além disso, é outro o conteúdo do ‘contencioso’ e das questões em pauta: a preocupação atual já não é tanto defender a razão e a Liberdade contra fanatismos tradicionais, porém, como enfrentar a crise de modelos econômicos que tem custo social tão elevado; como garantir a sobrevivência da espécie frente às conquistas mortíferas da ciência e da técnica: (armas nucleares, químicas e poluição); e como dar à nossa civilização esse ‘suplemento de alma’ de que falava Bergson, que revele um sentido para a existência em comum, e objetivos que justifiquem a ação humana e política.

Por sua vez, a Teologia deixou o vezo escolástico de deduzir do dogma revelado a solução perene de todos os problemas e, hoje, busca a partir do concreto, da riqueza de experiências humanas diversas, - como do ‘lugar teológico’ por excelência - interrogar a palavra de Deus e a experiência cristã. Teologia voltada para os dados empíricos, teorias e métodos dos distintos saberes; para os problemas sociais, diversidades de culturas e subculturas, e desafios da civilização; buscando em tudo os ‘sinais dos tempos’, a revelação de Deus ao homem de

hoje e daqui. Ora, uma teologia assim, não somente está apta para um diálogo interdisciplinar, mas antes, é só através dele que se pode realizar. Tem, portanto, de promovê-lo, até mesmo por necessidade metodológica; e assim fazendo, proporcionar à Universidade Católica maneira de realizar-se como unidade diversificada, ou diálogo institucionalizado, uma vez que tem um núcleo que precisa promover o confronto dos pontos de vista das várias disciplinas, a indagação sobre a Universidade como tarefa e projeto comum; não por injunções burocráticas, mas por exigência de seu próprio trabalho científico.

No caso da UNICAP, este Departamento de Teologia que no momento nem tem curso próprio³, e administra suas cadeiras em todos os Departamentos e Cursos, de certa forma representa em organograma o que a Teologia é na Universidade Católica. É o eixo, em volta do qual se dispõem os meridianos, que são os outros Departamentos, e os paralelos constituídos pelos outros Cursos. O universo da Universidade Católica é um conjunto assim estruturado: e não uma nebulosa de atividades acadêmicas mantidas juntas pela força gravitacional de uma só administração

³ O autor se refere à situação em 1979. Atualmente a UNICAP possui curso de Teologia com certificação civil e eclesiástica e Mestrado em teologia.
250 • Ágora Filosófica, Recife, v. 20, n. 3, p. 240-250, set./dez., 2020

